

Processo de patrimonialização: experiências com o dossiê do Banho de São João de Corumbá e Ladário¹

Luciana Scanoni Gomes (LAVALMA-UFMS)

Álvaro Banducci Júnior (UFMS)

Resumo

O Banho de São João de Corumbá e Ladário – cidades banhadas pelo rio Paraguai e localizadas na fronteira com a Bolívia – foi reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil, inscrito no Livro de Registro das Celebrações em maio de 2021, constituindo o primeiro patrimônio imaterial exclusivo de Mato Grosso Sul a obter certificação do Iphan. Das providências iniciais da comunidade de festeiros e do poder público local, passando pelas negociações políticas, a formação de grupos de investigadores, a pesquisa bibliográfica e etnográfica até, finalmente, o registro, foram 11 anos de trabalho. É essa trajetória que o presente trabalho pretende expor, bem como os efeitos da patrimonialização de um bem tão presente no cotidiano da vida local como São João, considerado por muitos devotos o santo da família. O objetivo deste trabalho é revelar esse percurso e refletir sobre o processo de pesquisa do Dossiê do Banho de São João de Corumbá e Ladário a partir dos procedimentos teórico metodológicos adotados para o desenvolvimento da investigação, dos desafios enfrentados por ocasião dos levantamentos de dados, bem como, das estratégias adotadas a fim de alcançar seus propósitos, tendo como parâmetro as demandas e expectativas trazidas pela comunidade e pelas agências parceiras.

Palavras chave: Patrimônio imaterial, Dossiê, Banho de São João

Introdução

A elaboração de um dossiê com vistas ao registro patrimonial de um bem imaterial é atribuição ao mesmo tempo absorvente e desafiadora. Exige o esforço de pesquisa, a observância de metas prescritas, o trabalho de campo, o rigor analítico, a linguagem acessível, além de manter constante o peso das expectativas, sejam as de ordem teórico-metodológica, sejam as das comunidades envolvidas.

O Banho de São João, bem cultural a cujo processo de reconhecimento patrimonial remete este estudo, é uma tradição de fé que compõe as manifestações religiosas dos municípios de Corumbá e Ladário, em Mato Grosso do Sul, banhados pelo rio Paraguai e localizados na fronteira com a Bolívia. A celebração do Banho do Santo, que acontece anualmente

¹. Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

na passagem do dia 23 para o dia 24 de junho, constitui um mundo pulsante da cultura popular, de forte dimensão festiva, devocional, estética e comunitária. São mastros, bandeiras, comidas típicas, procissões com ladainhas e ritmos carnavalescos, são andores ornamentados com adereços coloridos, são crenças e ritos que conformam o encontro das cidades consigo próprias e com o domínio do sagrado.

Nas casas católicas e nos terreiros de umbanda e candomblé, em lugar de destaque, altares são cuidadosamente elaborados para que neles as imagens do santo possam receber os devotos para reverenciá-lo e homenageá-lo. Dessas residências e casas religiosas, da mesma forma que de igrejas, clubes, associações e escolas, centenas de festeiros e devotos saem, na noite do dia 23 de junho, em procissão pelas cidades, conduzindo os andores em direção ao rio Paraguai, quando então promovem o Banho do Santo. Próximos à margem, dentro d'água, os celebrantes ao mesmo tempo em que rezam, cantam e dão vivas a São João, realizam o ritual de ablução, um gesto simbólico que reproduz e atualiza o batismo de Jesus Cristo por João Batista e deste por Cristo no rio Jordão.

Se a ladainha que embala as procissões remete, por um lado, ao evento bíblico, por outro, entremeada por ritmo carnavalesco, revela as faces festivas e comunitárias do ritual. No embalo de uma espécie de frevo, o cortejo pula e dança alegremente enquanto conduz os andores pelas ruas e ladeiras. Todos os anos, há mais de um século, é o mesmo procedimento ritual. O Banho de São João é um acontecimento que envolve parcela significativa da população de Corumbá e Ladário e da área fronteira, reunindo devotos oriundos do catolicismo, kardecismo e de religiões de matriz afro-brasileira, que conformam um evento de valor histórico e cultural com feição bastante característica e singular.

Por se tratar de tradição centenária, pela extensão de seu caráter devocional e festivo e, da mesma forma, pautado na singularidade da prática do banho em si e das manifestações religiosas a ele associadas, o poder público municipal, juntamente com representantes dos festeiros, mobilizou-se para solicitar, junto ao Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan seu reconhecimento como patrimônio cultural brasileiro.

No ano de 2017, o Iphan - Superintendência Mato Grosso do Sul, estabeleceu contato com pesquisadores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, que atuam

no Laboratório de Antropologia Visual Alma do Brasil (LAVALMA/UFMS) e no Grupo de Trabalho e Pesquisa em Cultura e Turismo (GTTUR-UFMS), núcleos de estudo e pesquisa em cultura regional, a fim de firmar parceria de trabalho para a elaboração do Dossiê do Banho de São João de Corumbá e Ladário, com vistas a instrumentalizar o pedido de registro desse bem como patrimônio imaterial nacional. A parceria entre o Iphan e a UFMS, mediante Termo de Execução Descentralizada - TED, foi celebrada em dezembro de 2017 e os trabalhos da equipe tiveram início em janeiro de 2018, tendo como prazo de realização das atividades contratadas o mês de outubro do mesmo ano.

A pesquisa proposta, pautada em pressupostos teórico-metodológicos da antropologia, que exige o contato próximo com os detentores do bem cultural, colocou seus realizadores, de imediato, diante de sérios desafios. O tempo exíguo para a realização dos trabalhos; os recursos limitados; a possibilidade de se deparar com a desconfiança e o desinteresse dos devotos e festeiros, tendo em vista haverem sido abordados em pesquisa anterior visando o mesmo fim de elaboração de Dossiê; constituíam barreiras a serem enfrentadas pelo trabalho.

Para além dos desafios de ordem técnica e prática, a pesquisa, desenvolvida a partir da antropologia, se viu diante de alguns dilemas recorrentes à área de estudo quando confrontada com a temática do patrimônio. Atentos à diversidade da cultura, os antropólogos, quando em trabalho de registro de um bem cultural, se veem diante de um esforço – seja de ordem técnica, teórica ou mesmo política - de singularização, na medida em que, reconhecendo e legitimando a importância de um dado patrimônio cultural, atuam no sentido de selecionar e destacar bens particulares em detrimento de outros associados e de valor equivalente ou mesmo impossível de ser dimensionada em termos comparativos.

De acordo com Mota (2014), o antropólogo envolvido com processos de preservação de bens culturais intangíveis, como é o caso do Banho de São João, vê-se na tarefa permanente de encontrar a maneira justa e adequada de “preservar e transmitir a memória, saberes e fazeres daquilo que é vivo e dinâmico” (MOTA, 2014, p. 381). Mas, o vivo não se realiza em isolamento e o que é dinâmico encontra-se em constante processo de interação e mudanças. Assim, de acordo com o autor, dessa condição do objeto, surge a pergunta crucial: “o que justificaria a preservação de algumas manifestações culturais

em detrimento de outras?” (Idem, p.382). Lima Filho e Monteiro de Abreu (2007, p. 40), cientes do compromisso do antropólogo com a diversidade das culturas e atentos ao sentido e significado das manifestações culturais, as mais discretas e corriqueiras, questionam se seria “papel dos antropólogos hierarquizar culturas”. Como tal, definem o dilema do antropólogo em seu aspecto mais paradoxal: como “patrimonializar as diferenças sem trair o próprio conceito de diferença?” (Idem, p. 40).

Vale destacar que foi justamente a proximidade da antropologia com as discussões do patrimônio, a sua noção ampla de cultura e o reconhecimento dos saberes, dos modos de fazer e das tradições do povo, que permitiu alargar a noção de patrimônio e democratizar as políticas a ele destinadas no Brasil, antes centrada na lógica da pedra e cal, ou seja, com ênfase na preservação de bens materiais, tais como edifícios arquitetônicos, monumentos, áreas de valor ambiental, entre outros². A vertente antropológica, que se soma e, em muitos aspectos, se sobrepõe à perspectiva histórica e artística do patrimônio, tem contribuído, em âmbito nacional e internacional, para alertar sobre a importância do reconhecimento, valorização e proteção do “conhecimento tradicional”, das práticas, saberes e memórias de domínio do povo, que constituem seu patrimônio imaterial (LIMA FILHO E MONTEIRO DE ABREU, 2007).

O debate público e as políticas nacionais decorrentes dessas discussões, tal como o Decreto n. 3.551, de 2000, que instituiu o registro de patrimônio cultural brasileiro e que criou o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, contribuíram para ampliar a participação de diferentes segmentos sociais nas articulações em torno do patrimônio, permitindo expressar suas vontades “sobre o quê e o porquê preservar” (GONÇALVES, 2012; MOTA, 2014). Desse modo,

[...] processos eletivos de patrimonialização não mais se encontram necessariamente subordinados apenas às vontades e decisões governamentais ou de organismos internacionais, mas, sobretudo, aos anseios de novos atores sociais (organizações não-governamentais, associações locais, movimentos sociais, cidadãos em geral) que reivindicam para si a definição e preservação de patrimônios comuns, podendo, assim, atribuir valores e sentidos tanto a artefatos da cultura material quanto a práticas socioculturais a partir das

² O primeiro bem tombado no Brasil, que fugiu à lógica da pedra e cal, foi o terreiro Casa Branca, em Salvador, Bahia, no ano de 1984, que teve como relator o Antropólogo Gilberto Velho, que deixou anotadas suas impressões acerca da grande dificuldade em superar a resistência dos próprios conselheiros com os quais dividia cadeiras no Conselho Consultivo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (VELHO, 2007).

quais esses foram criados, ensejando deste modo um novo entendimento [acerca do patrimônio] (MOTA, 2014, p. 384).

Diante desse contexto de maior participação, de reflexão e ressignificação do patrimônio cultural, novas questões se somam ao fazer antropológico, tal como a colocada por Lima Filho e Monteiro de Abreu (2007, p. 40): “ como deixar de aproveitar oportunidades de certificar culturas que são nossos próprios objetos de estudo, uma vez que sabemos que elas podem ser boas estratégias para a autoafirmação e a construção da autoestima desses grupos? ”. São questões que acompanham a prática da elaboração de dossiês de registro patrimonial e que colocadas no campo servem de parâmetro para “pensar com” os agentes interessados, segundo suas demandas e interesses. Foi com esse posicionamento e atentos aos dilemas metodológicos e éticos colocados pela antropologia, que a pesquisa do Banho de São João foi proposta e realizada.

No dia 19 de maio de 2021, durante a 95ª reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do Iphan, mediante parecer redigido pela conselheira Maria Cecília Londres Fonseca, o Banho de São João de Corumbá e Ladário foi reconhecido, por unanimidade, como Patrimônio Cultural do Brasil, sendo inscrito no Livro do Registro das Celebrações. O estado, juntamente com o Mato Grosso, tem reconhecido o Modo de Fazer Viola de Cocho (2004), como patrimônio imaterial do Brasil, e compartilhado o registro, de amplitude nacional, da Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira (2008). O Banho de São João constitui, assim, o primeiro patrimônio imaterial exclusivo de Mato Grosso Sul a obter certificação do Iphan.

O presente trabalho tem como propósito tratar do processo de pesquisa e de elaboração do Dossiê do Banho de São João de Corumbá e Ladário, no qual os autores atuaram respectivamente como coordenadora de pesquisa e como coordenador geral de projeto. O texto trata dos arranjos técnicos para o desenvolvimento da pesquisa e da abordagem de caráter etnográfico que orientou seu olhar e enfoque dialógico com a comunidade de devotos. Da mesma forma, visa discutir algumas dificuldades e dilemas enfrentados por ocasião dos trabalhos, bem como, estratégias adotadas a fim de alcançar seus objetivos, tendo como parâmetro as demandas e expectativas trazidas pela comunidade e pelas agências parceiras.

O Banho do Santo

São João Batista, na hagiografia católica, é o primo de Jesus, tendo batizado o filho de Deus nas águas do rio Jordão e sendo em seguida por ele batizado. O culto a São João é muito difundido em Corumbá e Ladário, sendo ele o santo da casa, o amigo, interlocutor cotidiano, além de ser considerado grande milagreiro. A ele são dirigidos pedidos de cuidados, de emprego e sobretudo relacionados à saúde que, a julgar pelo número de devotos e a dimensão da festa a ele dirigida, costumam ser regularmente atendidos. As celebrações a São João são uma espécie de contra dádiva, de retribuição pelos favores e graças concedidos pela entidade sagrada a seus devotos. Sincretizado como Orixá Xangô, nas religiões de matriz afro-brasileira, São João é cultuado não apenas pelos católicos, mas também pelos umbandistas e candomblecistas que, da mesma maneira fazem pedidos e promessas e o homenageiam na data de celebração de seu nascimento.

O Banho de São João, ritual religioso e festivo que compõe as celebrações juninas nessas cidades pantaneiras, é uma tradição devocional cujas primeiras menções datam do final do século XIX, registradas nas páginas da nascente imprensa de Corumbá ((SOUZA, 2008). A manifestação popular apareceu a princípio na seção policial, em notas que ora reprovavam os excessos cometidos pelos festeiros na exaltação do santo, ora elogiavam seu comportamento comedido e ordeiro (Idem, p. 333).

Não há como precisar a origem nem o momento em que teve início a celebração festiva nessas cidades. Acredita-se que tenha surgido logo após o término da Guerra do Brasil com o Paraguai, quando o município de Corumbá experimentou importante ciclo de expansão econômica e populacional, tornando-se, na passagem do século XIX para o século XX, proeminente polo da economia pantaneira e regional (QUEIROZ, 2008). Nesse período, a cidade recebeu levas de imigrantes das mais diversas origens, desde trabalhadores do norte pantaneiro, até grande contingente de paraguaios fugidos das ruínas da guerra, além de estrangeiros das mais diferentes nacionalidades, como libaneses, sírios, italianos, portugueses, alemães, entre outros, que viam na cidade lugar atraente para investir suas finanças e sua força de trabalho. Os festejos de São João emergem nesse contexto de florescimento econômico e cultural da cidade.

A celebração ao santo compreende uma série de procedimentos e atitudes rituais que têm início com as novenas, nas casas católicas, e as rezas e giras nas casas de santo de matriz afro-brasileira. Os altares e andores são cuidadosamente preparados, ornamentados com tecidos, flores e fitas, geralmente nas tradicionais cores vermelha e branca, e dispostos nas varandas das casas, nos pátios dos terreiros e mesmo em salões de clubes, escolas e outros locais onde acontecerão as festas. No dia 23 de junho, véspera do aniversário do Santo, esses espaços são enfeitados com bandeirinhas coloridas, é erguido o mastro com a imagem de São João e preparada a comida a ser servida aos convidados dos festeiros.

À noite, após a chegada dos convidados, têm início as rezas em seguida às quais os andores são conduzidos em procissão em direção ao rio Paraguai. Os cortejos saem das casas e terreiros, dão três ou sete voltas em torno do mastro e dirigem-se ao rio. Em Corumbá, cidade que agrega maior número de festeiros, os andores seguem em direção ao Porto Geral, onde costumam chegar entre 21h e 24h. Na cidade de Ladário, de menor porte e com número restrito de festeiros, é tradição levar os andores para a praça da Igreja Matriz de onde, próximo às 24h, seguem em procissão coletiva para o banho das imagens no rio.

A celebração culmina com o batismo de São João nas águas do rio Paraguai, que tendem a se tornar sagradas na passagem do dia 23 para 24 de junho. No Porto Geral de Corumbá e no Porto de Ladário, a população das cidades se aglomera, junto com os festeiros, devotos e turistas para receber e assistir ao ritual do Banho do Santo, quando os andores são levados ao rio e, mediante gestos comedidos de alguns ou expansivos de outros, que atiram água para todos os lados, nas imagens e no público, São João é batizado, purificado com as águas que naquele instante são concebidas como as do rio Jordão.

O Banho do Santo representa o conagração da coletividade, é o momento do encontro, democrático e afetivo, da cidade consigo própria e com o sagrado. A celebração ganha em intensidade, festiva e religiosa. É nesse contexto, de alegria e fé, que os votos com o santo são renovados; promessas são pagas e refeitas; as bênçãos são agradecidas; novos pedidos são endereçados a São João que, refeito em suas forças com o ritual de purificação, está pronto para receber as demandas dos devotos. Terminado o Banho, os andores retornam aos locais de onde partiram para que tenham continuidade as festas das famílias e coletividades dos bairros.

No trajeto urbano, os cortejos se encontram nas ruas e na beira do rio. Nessas ocasiões, independente da origem religiosa, os andores se cumprimentam respeitosamente, mediante três flexões das pessoas que o conduzem. Esse gesto se soma a outras tradições que, além da alegria da musicalidade que acompanha as procissões, dão um colorido particular aos festejos do Banho do Santo. Nas duas cidades pantaneiras, São João, tal como Santo Antônio, é tido como o casamenteiro. Durante a descida dos andores há a crença de que a pessoa desejosa de se casar pode alcançar a graça desde que nessa noite passe por baixo de sete andores. Assim, nos locais onde a população se aglomera para receber o santo, filas de pessoas se formam para passar sob os andores, seja em gesto de brincadeira, seja de fé.

No dia 29 de junho, dia de São Pedro, encerram-se as celebrações dedicadas a São João. Nesse dia acontecem rezas, o mastro com a bandeira é retirado e têm início os preparativos das festas do ano seguinte. Nas religiões de matriz afro-brasileira, nas quais Xangô também é sincretizado com São Pedro, acontecem as giras, que incluem o ritual da descida dos mastros, quando os Pretos Velhos dirigem-se ao pátio, contornam o mastro por três vezes e assistem sua retirada. Com isso, fecha-se o ciclo de São João-Xangô.

Banho de São João: trajetória de registro

As primeiras providências da sociedade corumbaense, por iniciativa da Fundação de Cultura e Turismo do Pantanal (Corumbá/MS) e de representantes da comunidade de festeiros, no sentido de pleitear o registro do Banho de São João como patrimônio nacional, tiveram início em 2010³. Nesse mesmo ano, a “Festa de São João de Corumbá” foi reconhecida como Patrimônio Imaterial do Estado de Mato Grosso do Sul, através do Decreto No. 12.923, de 21 de junho de 2010.

Em 2012, a Fundação de Cultura e Turismo do Pantanal organizou e encaminhou à Câmara Setorial do Patrimônio Imaterial do Iphan documento com vistas a desencadear

³ Alguns dados e informações dipostos neste item foram obtidos a partir da memória do processo do registro tal como apresentada em eventos digitais promovidos pela Fundação de Cultura de Corumbá, em palestras proferidas pelo historiador José Augusto Carvalho dos Santos (Iphan, Superintendência MS) e pelo gestor cultural José Gilberto Rozisca (Fundação de Cultura de Corumbá). O material está disponível nos seguintes endereços: <https://www.youtube.com/watch?v=BZGsC1zitf0&t=433s> (Acessado em 28 de julho de 2021) e <https://www.youtube.com/watch?v=X0wWBVc02lg> (Acessado em 23 de agosto de 2021).

providência protocolar relativa ao registro da Festa de São João. O Iphan acatou a solicitação, realizou visita técnica à cidade no ano de 2013. Nesse momento inteirou-se da realização de celebrações com características semelhantes na cidade vizinha de Ladário. De fato, os festejos são comuns em sua estrutura devocional e, em muitos aspectos, em sua vivência. Algumas pessoas participam de ambas as celebrações, como é o caso do S. Sebastião Souza Brandão, mestre cururueiro, que, juntamente com outros mestres do cururu e siriri, toca viola de cocho no ritual de içamento dos mastros de São João em Ladário e em Corumbá. Ciente das manifestações ao santo no município de Ladário, e de posse de documentos que indicavam a existência de ao menos 20 festeiros na cidade, o Iphan recomendou sua inclusão no processo de registro e a mudança de foco do documento que, se antes recaía sobre a festa do santo, tal como indicava a solicitação de Corumbá, deveria centrar-se no ritual do Banho de São João, que corresponde às expressões festivas e de fé que singularizam as celebrações daquelas localidades.

Em 2014, via processo de licitação, uma empresa de fora de Mato Grosso do Sul, com atuação no campo da pesquisa e produção cultural, foi contratada pelo Iphan com o propósito de elaborar o Dossiê do Banho de São João, documento que dispõe sobre as características do bem sobre o qual o registro é solicitado, bem como indicadores de seu valor histórico e cultural. O Dossiê, bem como os dois documentários que o acompanham (sendo um de 40 min e outro de 15 min), servem de referência para a análise e o parecer do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do Iphan acerca da legitimidade do registro.

Ao término do contrato e a entrega o produto, a ser encaminhado ao Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI), o Iphan sede se manifestou, mediante análise técnica, indicando algumas inconsistências no material finalizado. Apesar da validade da pesquisa, foi detectada a ausência de itens e de informações necessários à caracterização do bem e de seu lugar na cultura local, da mesma forma que a necessidade de novas análises e contextualizações históricas e espaciais que melhor o definissem. De modo geral, além de dados socioeconômicos e históricos, o Dossiê carecia de maior enfoque etnográfico e antropológico.

Por iniciativa da Superintendência Regional de Mato Grosso do Sul, o Instituto de Patrimônio procurou reunir, a partir de 2015, um grupo interdisciplinar e

interinstitucional, composto por técnicos do patrimônio e por pesquisadores da cultura e da história regional⁴, a fim de organizar uma espécie grupo de trabalho cujo esforço de pesquisa pudesse responder às demandas não contempladas no Dossiê. Essas demandas, detalhadas em planilha, se traduziam na necessidade de aprofundamentos investigativo quanto ao aspecto histórico da região; ao lugar e à importância do rio Paraguai na economia e na cultura locais; à presença das religiões de matriz afro-brasileira nas celebrações do santo; ao aspecto fronteiriço e à interação cultural entre bolivianos e brasileiros; dentre outros aspectos. Tratava-se de temas amplos, variados e complexos. Após algumas reuniões do grupo, e a despeito dos esforços para desencadear os trabalhos, o número elevado de componentes, a diversidade de interesses e de orientação teórica e metodológica, somados ao processo de reestruturação interna por que passou o Iphan no período, acabaram por resultar na dissolução da equipe.

No ano de 2017, o Iphan-MS iniciou novo diálogo, dessa vez com a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, com o intuito de, através de seus pesquisadores, dar prosseguimento aos trabalhos de reelaboração do Dossiê do Banho de São João de Corumbá e Ladário. A parceria entre o Iphan e a UFMS se deu mediante Termo de Ação Descentralizada - TED, com Instituto de Patrimônio federal arcando com recursos e supervisão técnica e a universidade federal com a elaboração e execução do plano de trabalho e com a expertise técnica, através de pessoal com experiência investigativa na temática do Banho de São João e de auxiliares com formação em antropologia e áreas afins. O termo foi celebrado em dezembro de 2017 e os trabalhos tiveram início em janeiro de 2018, tendo como prazo de realização das atividades o mês de outubro do mesmo ano.

Desafios e dilemas da pesquisa

Em 2005, nós, autores deste estudo, iniciamos, a partir do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Cultura e Turismo (GTTUR-UFMS), os primeiros levantamentos etnográficos da festa, abordando desde as celebrações nas casas e no Porto Geral; os rituais dos cortejos

⁴ O grupo era composto por professores e pesquisadores da Universidade Católica Dom Bosco, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, da Universidade Federal da Grande Dourados, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e por técnicos das Fundações de Cultura do Estado e Municípios.

e do Banho do Santo; as festas do povo e da elite; a presença dos bolivianos no arraial; o papel do poder público nos festejos e a presença do turismo. Desde então, o Banho de São João tornou-se tema e objeto de nossas atividades acadêmicas, compreendendo visitas técnicas com alunos; oficinas de fotografia e vídeo, promovidas por iniciativa do Laboratório de Antropologia Visual Alma do Brasil (LAVALMA); e levantamentos de caráter antropológico. Dessas visitas, encontros e investigações resultaram publicações, exposições fotográficas e apresentações em eventos científicos. Durante esses anos, mantivemos contato com festeiros, com pessoal técnico da área cultural do município, além do Escritório do Iphan em Corumbá e com professores da UFMS, campus de Corumbá. Dessa experiência e proximidade com o Banho de São João resultou o interesse pela proposta do Iphan.

Estabelecida a parceria, o trabalho se mostrou, desde o início, um exercício bastante desafiador. A começar pelo enfoque etnográfico que imprimimos à pesquisa. Conhecedores da dimensão da fé do povo corumbaense e ladarense em São João; da relação de proximidade e reciprocidade existente entre devotos e o santo; de seu papel como agente promotor de sociabilidade; de sua condição de milagreiro; da dinâmica de *status* dos festeiros relacionada ao poder de seus santos; das trocas e dos congraçamentos; entre muitos outros aspectos da devoção e das celebrações delas decorrentes, entendíamos como fundamental trazer a voz dos festeiros para o trabalho, a fim de traduzir minimamente o sentido do Banho do Santo para a comunidade.

Com isso, em nosso entendimento e segundo a linha teórico metodológica adotada, de abertura à experiência e conhecimento do “outro”, ressurgia a necessidade de outras investidas a campo, de retomar as conversas e interações com os devotos e festeiros a partir de outro enfoque e perspectivas. Contra essa orientação metodológica impunham-se as condições adversas da pesquisa, como a já mencionada restrição de tempo. Assim, optamos por ampliar a equipe de pesquisadores e de auxiliares de pesquisa, orientados pelas demandas apresentadas pelo Iphan Sede para a elaboração do Dossiê. O número maior de pesquisadores, mesmo que em sua maioria voluntários, implicava em despesas maiores, fosse com transporte, hospedagem ou alimentação, pois mesmo havendo pesquisadores de Corumbá-MS, grande parte da equipe era oriunda do laboratório e do núcleo de estudos da UFMS – campus Campo Grande, havendo também componentes de Dourados-MS. Nesse sentido, contamos com o apoio providencial da Prefeitura de

Corumbá, através da Fundação de Cultural do município, que forneceu hospedagem e alimentação à equipe em muitas das visitas a campo; com a colaboração da direção do Campus Pantanal da UFMS, que concedeu hospedagem em diversos momentos da pesquisa; e do próprio Iphan que, a partir de seu escritório de Corumbá, propiciou transporte para a realização de entrevistas. Da mesma forma, vale destacar o esforço crucial do Iphan - Superintendência Mato Grosso do Sul, que conseguiu, junto ao Iphan sede, suplementação de verba para que pudéssemos arcar com as diárias da equipe de fotografia e filmagem no período da festa do santo.

O trabalho foi organizado a partir de temas abrangentes, tais como história da região, religiosidade afro brasileira, religiosidade católica e poder público e turismo, aos quais se alinharam as equipes. Estas, por sua vez, foram compostas por pesquisadores com larga experiência investigativa em temáticas relativas à festa e à região, fosse em seu aspecto histórico, socioeconômico, cultural ou religioso.

A coordenação da pesquisa esteve à cargo da antropóloga Luciana Scanoni Gomes, que também se responsabilizou pela pesquisa relativa às celebrações de matriz católica, juntamente com professor e antropólogo Álvaro Banducci Júnior (UFMS); o historiador Marco Aurélio Machado de Oliveira (professor aa UFMS, Campus Pantanal) conduziu as investigações sobre a formação histórica e econômica da região, bem como sobre o histórico e a memória da festa nas duas cidades; e o estudo sobre as manifestações festivas a partir das religiões de matriz afro-brasileiras ficaram à cargo do professor e historiador Mario Teixeira de Sá Júnior, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). A essas linhas gerais de pesquisa associaram-se outras frentes de trabalho e investigação, tais como sobre a presença de devotos bolivianos em território brasileiro e sua relação com os festejos do santo, sob responsabilidade do antropólogo Alyson Matheus de Souza, e a participação dos mestres cururueiros e seu lugar nas festas, à cargo do gestor cultural e mestre em Estudos de Linguagem José Gilberto Rozisca. O contato com os festeiros e devotos foi facilitado pela mediação da Fundação de Cultura de Corumbá e pelo trabalho de alguns integrantes da equipe que, por sua atuação em instituições culturais, já tinham acesso a esses agentes, tais como a antropóloga Edivânia Freitas de Jesus e o gestor cultural e festeiro ladarense Alexandre Ohara⁵. Por intermédios desses e outros agentes

⁵ Aos pesquisadores responsáveis por cada linha investigativa se associou um grupo de auxiliares de pesquisa, constituído por alunos de graduação e de pós-graduação da Universidade Federal de Mato Grosso

da pesquisa, além do poder público local, uma rede de contatos foi estabelecida com festeiros e devotos. Em decorrência disso, o diálogo com a comunidade, propiciado pela extensão das relações de confiança anteriormente existentes, em pouco tempo se viabilizou.

O contato foi estabelecido com os interlocutores das mais diferentes matrizes religiosas e das mais distintas esferas de fala; a etnografia, por fim, se realizou⁶. Os pesquisadores puderam tomar parte em diferentes rituais e celebrações que precederam e sucederam o Banho de São João na noite do dia 23 de junho, sendo convidados a participar de novenas, giras, terços, missas e na descida do mastro no dia 29 de junho, dia de São Pedro. Do mesmo modo, puderam tomar parte em reuniões dos festeiros para a organização de suas celebrações e do Conselho Municipal de Política Cultural de Corumbá, para discutir sobre o projeto de pesquisa, a produção do documentário e sobre o desenvolvimento dos trabalhos.

O levantamento de campo acabou por revelar a grande expectativa dos festeiros e festeiras de São João em torno do reconhecimento nacional de sua fé e devoção. Tal desejo ficou expresso no modo carinhoso e receptivo com que as equipes foram recebidas nas casas particulares e nas casas de santo. Não que recusas, desistências e desconfianças, entre outros fatores adversos, tenham deixado de acontecer. Porém, de modo geral, por se tratar de São João, o Santo que aprecia ser louvado e festejado, a nossa presença representava não apenas a comunhão de interesses em torno do reconhecimento do Banho de São João, mas, de certo modo, significava, em si mesma, uma espécie de celebração do santo da

do Sul, campus Campo Grande e Corumbá, e da Universidade Federal da Grande Dourados. Esse corpo de pesquisadores participou do trabalho mediante a coleta de dados documentais, auxílio em entrevistas, registro de manifestações e rituais no decorrer das festas, registros fotográficos, entre outras atividades. Compuseram o grupo o antropólogo Valdir Aragão do Nascimento; a geógrafa Gesliane Chaves (UFGD); o acadêmico em história Vitor Jorge Campos (UFMS); e os acadêmicos do curso de Ciências Sociais (UFMS) Camila Catelan, Danilo Cezar de Jesus Santos, Josafá Borges, Maria do Carmo Rossatti, Maria Eduarda da Silva, Talita Thomazini e Thais Almeida Cariri. Além do pessoal da pesquisa, o trabalho contou com equipe de imagem, coordenada pela fotógrafa Vânia Jucá e a diretora e produtora de audiovisual Elis Regina, que trabalharam em consonância com a abordagem metodológica do Banho de São João, a partir de um enfoque dialógico e pouco intrusivo

⁶ Foram realizados contatos e conversas com diverso/as festeiro/as e agentes ligados ao Banho do Santo. Desses encontros resultaram 25 entrevistas gravadas, das quais 15 foram registradas em vídeo para a produção do documentário.

casa. O diálogo estava aberto, afetos foram construídos e a dimensão da fé e da beleza das celebrações do santo puderam ser contemplados.

O Dossiê foi, por fim, elaborado e estruturado de tal forma a contextualizar a espacialidade e a historicidade do bem investigado, com ênfase ao aspecto fronteiro da região e à forte presença cultural e influência socioeconômica do rio Paraguai. Localizado no espaço e no tempo, os devotos ganham voz no texto e o Banho de São João passa a ser por eles descrito e apresentado. Assim, são trazidas as narrativas dos festeiros e festeiras católicos, umbandistas e candomblecistas com a descrição dos rituais dedicados ao santo e suas impressões e sentimentos em relação ao personagem sagrado. A festa é descrita, em sua dimensão “privada”, nas casas e terreiros, e “pública”, no encontro das comunidades às margens do rio Paraguai. O documento termina por trazer aspectos da cultura material relativa aos festejos do Banho – os altares, andores, mastros e outros objetos sagrados e de devoção – e uma reflexão sobre a relação da festa com outras manifestações culturais das cidade de Corumbá e Ladário.

Considerações finais: os sentidos do registro para os devotos do santo

Cabe retomar aqui o dilema exposto na introdução deste estudo a fim de avaliar e dimensionar o sentido do registro do Banho de São João como patrimônio seja no interior do fazer antropológico, seja para as comunidades envolvidas. Como dito inicialmente, o problema que se coloca aos antropólogos, quando atuam no campo do patrimônio, e mais especificamente dos processos de patrimonialização, é saber se cabe a ele o papel de “certificador das culturas” (LIMA FILHO E MONTEIRO DE ABREU, 2007). Se o antropólogo é o profissional que atua numa relação de intensa proximidade com as comunidades que estuda, como lidar com seus próprios valores, gostos, preferências quando diante do poder de certificá-las em detrimento de outras? (MOTTA, 2014). Quando a diversidade das culturas humanas tende a ser cada vez mais ameaçada pela globalização e a disseminação de novas tecnologias de comunicação, qual seria o papel da antropologia na salvaguarda de “repertórios culturais”, na conservação de memórias, valorização de identidades e conhecimentos, na disseminação de linguagens e saberes? (MOTTA, 2014). Nesse aspecto, como questiona Gonçalves (2007), qual seria o limite a separar o reconhecimento e a valorização do patrimônio de sua vulgarização como “objeto de obsessão coletiva”? O próprio autor aponta caminhos para contornar o

problema. Para ele, cabe, antes de mais nada, ser fiel à tradição etnográfica e se perguntar “para que serve o patrimônio?” e “qual a relevância de reivindicá-lo?” (GONÇALVES, 2012) A pesquisa para elaboração do Dossiê do Banho de São João nos permitiu avançar no sentido de obter algumas respostas.

A relação dos devotos com o São João, tende a acontecer por meio de dádivas, relação na qual as promessas desempenham papel preponderante. Os devotos pedem as graças que, sendo atendidas, devem ser retribuídas com festas e o Banho no rio Paraguai. O cumprimento das promessas exige a realização dos festejos pelo período de sete anos consecutivos. Estes, no entanto, tendem a durar a vida toda dos festeiros, e ainda são passados como herança para familiares, pois ao santo são agregados novos pedidos e aos promesseiros novos compromissos de retribuição das graças. As festas tendem a se tornar tradição nas famílias. Mais que isso, porém, os cuidados com o santo, as celebrações do Banho e os cultos dedicados ao São João/Xangô nos terreiros, conformam uma espécie de ciclo permanente de reciprocidade com a entidade sagrada.

São João é apreciador das homenagens prestadas em tom de alegria. Quanto mais animadas as festas a ele dedicadas, mais se sente prestigiado. Quanto maiores os compromissos e cuidados com as rezas, novenas, giras, com a preparação de altares, a decoração de andores, entre outros procedimentos do Banho, maior a disposição do para conceder graças. Os andores saem enfeitados das casas e terreiros com o fim de agradar ao santo, mas também de “encher os olhos” do público que os aguarda na ladeira Cunha e Cruz e na praça de Ladário. O encantamento do público é o termômetro da homenagem prestada pelo festeiro. Sua sedução, pela beleza do andor e pela animação do cortejo, ganha em significado no ciclo complexo de reciprocidade com o sagrado. Quanto mais o andor encanta, mais se torna agente de encantamentos. São João, sentindo-se homenageado, tende a se tornar ainda mais benevolente. Ao conceder mais graças, tende a atrair mais devotos para junto de si e do festeiro que dele cuida, realimentando a cadeia dádiva-devoção.

No que se refere ao poder da imagem do santo para os que nele acreditam e professam fé, cabe um relato que vivenciamos – para além de pesquisadores somos também promesseiros e devotos de São João – por ocasião de uma festa ao santo na cidade de Corumbá. Levamos nosso santo para o batismo no rio Paraguai na manhã do dia 24 de

junho, depois de termos participado do ritual coletivo do Banho do Santo na noite anterior. Nesse ano, a prefeitura havia instalado no rio um grande painel com uma imagem majestosa de São João. Ocorreu que a imagem que enfeitava a área do Porto de Corumbá era justamente a do nosso santo, que havíamos cedido anteriormente para esse fim. No momento em que batizávamos nossa imagem, uma família se aproximou para fazer o mesmo com seu santo. Eles traziam ao colo uma criança adoentada que era o motivo das graças que rogavam. Seu intuito era elevar uma promessa a São João. Ao perceberem a semelhança de nossa imagem com a do cartaz, se interessaram curiosos e, esclarecidos, pediram permissão para realizarem a promessa através de nosso santo, o que lhes foi prontamente atendido. E assim procederam. A representação majestosa do cartaz havia sobrecarregado de sentido a nossa imagem de São João que, empoderado, se mostrava mais apto e com maior capacidade de realizar a graça urgente que era solicitada. Desse modo, assim como ocorreu com a imagem do cartaz, a intensidade das festas, o capricho nas decorações, no brilho dos andores e na exaltação da alegria tendem a potencializar os santos dos festeiros particulares, aumentando a possibilidade de retribuição, por parte destes, das graças requeridas pelos devotos.

É nesse sentido que o registro do Banho de São João de Corumbá e Ladário como patrimônio imaterial do Brasil ganha em significado para quem a ele se dedica. No idioma da reciprocidade, o processo de patrimonialização tende a se tornar mais um elemento de comunicação com o santo. Se ao festeiro, mediante sua performance e a estética dos andores, cabe cativar o público para, assim, agradecer à entidade sagrada, agora seu São João, por esforço seu – e dos seus –, torna-se objeto de encantamento não apenas da cidade, mas nacional. O registro amplia o escopo da contra dádiva do devoto. Sua fé, dedicação, suas dores e, enfim, seus sacrifícios, legitimados pelo reconhecimento como patrimônio cultural, tendem a potencializar a homenagem e a estreitar o diálogo e os tratos com o santo.

Da mesma forma, o Banho do Santo vir a se tornar patrimônio nacional é um indicador de que as práticas festivas e devocionais detêm legitimidade para além de seu contexto social, o que acaba por promover a autoestima da população local. A nova condição permite deslocar o eixo de atenção das expressões culturais para universos pouco valorizados e conhecidos. Representa o reconhecimento das práticas e saberes do povo

católico e do povo de santo de Corumbá e Ladário, das manifestações de fé que se perpetuam por mais de cem anos na tradição popular.

Apesar de constituir um patrimônio singular e específico, o Banho de São João é uma manifestação que se liga e mobiliza outros eventos de celebração das cidades pantaneiras. A festa dedicada ao santo promove a participação da comunidade católica e de matriz afro-brasileira nos cultos a São Pedro, que fecha o ciclo das festas juninas, pois a descida dos mastros de São João acontece nessa data. O carnaval se aproxima do São João não raro através de adrecistas, que costumam cumprir suas promessas ao santo mediante a decoração de altares e andores. Componentes das baterias das escolas de samba tocam atabaques nos terreiros. Nas casas de umbanda e candomblé, a mesma comunidade que celebra São João, participa dos festejos de Iemanjá, de São Sebastião e de Cosme e Damião, que mobilizam expressivos segmentos da sociedade, sejam as crianças em busca de doces e brincadeiras nas ruas, sejam as pessoas que festejam a passagem do ano nos rituais à beira do rio. Enfim, o São João de Corumbá e Ladário, ao ser patrimonializado em âmbito nacional, permite orientar o olhar e valorizar não apenas os festejos do santo, mas uma série de celebrações e de rituais que têm na tradição do santo uma espécie de epicentro religioso e festivo.

Por fim, o registro nacional de uma manifestação religiosa de cidades pantaneiras, em Mato Grosso do Sul, serve como expediente de divulgação, em âmbito estadual e nacional, de expressões singulares e ricas da cultura local que, de outro modo, tendem a permanecer desconhecidas. Tal recurso aponta, da mesma forma, para o compromisso prévio e necessário, por parte do poder público, na valorização e cuidado com as expressões da cultura do povo. Muitos agentes, detentores de saberes e práticas relativos ao Banho de São João, tais como os pais, mães e filhos de santo; festeiros e festeiras católicos e de matriz afro-brasileira; rezadores e rezadoras; mestres cururueiros, cozinheiros e cozinheiras dos alimentos típicos das festas (tais como sarravulho, feito de miúdos de boi, e paçoca de carne seca); os marceneiros dos andores, dentre tantos outros, tendem a ser conhecidos e reconhecidos por meio de sua relação com os festejos do santo. A pesquisa e elaboração do Dossiê do Banho de São João de Corumbá e Ladário constitui, assim, uma experiência de encontro, de diálogo e de empenho coletivo com vistas a valorizar e manter vivas as tradições do povo devoto do Pantanal.

Bibliografia:

GONÇALVES, José R. S. **As transformações do patrimônio: da retórica da perda à reconstrução permanente.** In: TAMASO, Izabela e LIMA FILHO, Manuel F. Antropologia e Patrimônio Cultural: trajetórias e conceitos. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012.

GONÇALVES, José R. S. **Os limites do Patrimônio.** IN: LIMA FILHO, Manuel F.; BELTRÃO, Jane Felipe e ECKERT, Cornelia. Antropologia e patrimônio cultural : diálogos e Desafios contemporâneos. Blumenau : Nova Letra, 2007.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Banho de São João de Corumbá/Ladário - MS: subsídios para registro como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Dossiê de Registro.** Campo Grande: Iphan/MS, 2018 (Versão Preliminar).

LIMA FILHO, Manuel e MONTEIRO DE ABREU, Regina M. do R. **A Antropologia e o Patrimônio Cultural no Brasil.** IN: LIMA FILHO, Manuel F.; BELTRÃO, Jane Felipe e ECKERT, Cornelia. Antropologia e patrimônio cultural : diálogos e Desafios contemporâneos. Blumenau : Nova Letra, 2007.

MOTTA, Antonio. **Patrimônio. In: Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa** / org. Sansone, Livio e Furtado, Cláudio Alves. Salvador: EDUFBA, 2014.

QUEIROZ, Paulo R. Cimó . Revisitando um velho modelo: contribuições para um debate ainda atual sobre a história econômica de Mato Grosso/Mato Grosso do Sul. **Intermeio** (UFMS) , v. 14(27), p. 128-156, 2008.

SOUZA, J. C. **Sertão Cosmopolita: tensões da modernidade de Corumbá (1872-1918).** São Paulo, Editora Alameda, 2008.

VELHO, Gilberto. Patrimônio, negociação e conflito. In: LIMA FILHO, Manuel F.; BELTRÃO, Jane Felipe e ECKERT, Cornelia. Antropologia e patrimônio cultural : diálogos e Desafios contemporâneos. Blumenau : Nova Letra, 2007.